XI SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA E
XXIX Semana de Iniciação Científica
Ciência, Inovação e Transformação Social no Semiárido
16 a 19 de Novembro de 2026
URCA-Universidade Regional do Cariri - Campus Iguatu
PRPGP- Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa

DISTRIBUIÇÃO EPIDEMIOLÓGICA DOS CASOS DE ÓBITOS POR MALFORMAÇÕES CARDÍACAS CONGÊNITAS NO BRASIL ENTRE 2015-2023

Antônio Caio Vieira de Oliveira[1], Wytallo Carvalho Barreto[2], Rebecca Moreira da Silva[3], Manuelly Vitória Gonçalves Machado[4], Hellen Renatta Leopoldino Medeiros[5], Francisco Fábio Bezerra de Oliveira[6], Mirna Neyara Alexandre de Sá Barreto Marinho[7].

INTRODUÇÃO: Malformações cardíacas congênitas são anomalias anatômicas que interferem na funcionalidade cardíaca fetal. Essas alterações representam uma das principais causas de mortalidade em Recém-Nascidos (RN), evidenciando o seu impacto na saúde pública do Brasil. Nessa ótica, identificar o perfil de neonatos acometidos permite ampliar o conhecimento dos profissionais de saúde e o fortalecimento de políticas públicas. **OBJETIVO:** Identificar o perfil dos óbitos por malformações cardíacas congênitas no Brasil. **METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo ecológico, descritivo, com dados obtidos por meio do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), disponíveis na plataforma DATASUS, utilizando um recorte temporal de 2015 a 2023. Foram incluídas as variáveis região, sexo e cor/raça. Os dados foram triados a partir da seleção do capítulo XVII da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID-10), adotando os códigos Q20, Q21, Q22, Q23, Q24, e em seguida organizados no software Microsoft Excel. Por se tratarem de dados de domínio público, não houve necessidade de apreciação por Comitê de Ética em Pesquisa. **RESULTADOS:** Segundo dados do SIM, no período analisado foram registrados 31.355 óbitos por malformações cardíacas. Ao considerar os dados de acordo com as regiões do Brasil, destaca-se a região Sudeste com maior número de óbitos, correspondendo a 36,84% do total, seguida da região Nordeste (28,91%). Além disso, observou-se predominância discreta de óbitos em RN do sexo masculino (52,62%), quando comparados ao feminino (47,09%). No entanto, faz-se importante destacar a presença da categoria “ignorados” (0,29%). Adicionalmente, houve uma predominância de óbitos em RN de cor/raça branca (47,92%). Destaca-se que os óbitos em recém-nascidos de cor parda apresentam valores aproximados (41,19%), enquanto que a categoria amarela apresentou menor número de casos (0,21%). **CONCLUSÃO:** Após a análise, vê-se a necessidade do fortalecimento de políticas públicas voltadas a essas regiões, com maior enfoque durante o pré-natal para detecção precoce de alterações

[1]Universidade Regional do Cariri, e-mail: caio.vieira@urca.br
[2]Universidade Regional do Cariri, e-mail: wytallo.barreto@urca.br
[3]Universidade Regional do Cariri, e-mail: rebecca.moreira@urca.br
[4]Universidade Regional do Cariri, e-mail: manuelly.machado@urca.br
[5]Universidade Regional do Cariri, e-mail: hellen.medeiros@urca.br
[6]Universidade Regional do Cariri, e-mail: fabio.oliveira@urca.br
[7]Universidade Regional do Cariri, e-mail: mirna.marinho@urca.br

cardíacas. Além disso, ressalta-se a presença da categoria “ignorados” como limitação que impossibilita uma análise mais detalhada dos dados.

Palavras-chave: Cardiopatias congênitas. Epidemiologia. Brasil. Mortalidade infantil.